

Revista
a

EVOLUÇÃO

Ano IV
n. 41 Jun.
2023
ISSN 2675-2573

FESTA

JUNINA

Revista
a
EE



A COMBATE AO RACISMO NAS UNIDADES EDUCACIONAIS
DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO:
ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES

Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi

LAN



Filial da
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP

CiteFactor
Academic Scientific Journals

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 41 - Junho de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Andréa Godoy Miyashiro

Anildo Joaquim Da Silva

Célia Maria Batista

Diego Daniel Duarte dos Santos

Herbert Madeira Mendes

Joseneide dos Santos Gomes

Luís Filipe Narciso

Miriam Ferreira

Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf

Priscila Paula da Costa da Silva

Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi

Viviane de Cássia Araujo

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 41 (jun. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 134 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.41

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.41>



São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres

 **FREE SOFTWARE
FOUNDATION**



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^a. Dra. Andréia Fernandes de Souza

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

* Destaque

- | | |
|---|-----|
| 1. AS CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS E AUDIOVISUAIS NAS ESCOLAS
Andréa Godoy Miyashiro | 9 |
| 2. PRINCIPAIS AMEAÇAS DE SEGURANÇA DE INFORMAÇÃO E FORMAS DE MITIGAÇÃO
Anildo Joaquim Da Silva | 17 |
| 3. CONCEITOS E ABORDAGENS SOBRE O DESENVOLVIMENTO NA INFÂNCIA
Célia Maria Batista | 27 |
| 4. HISTÓRICO DE MENDEL PARA ENTENDIMENTO DA GENÉTICA
Diego Daniel Duarte dos Santos | 33 |
| 5. REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
Herbert Madeira Mendes | 41 |
| 6. A INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO (TEA)
Joseneide dos Santos Gomes | 55 |
| 7. A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS
Luís Filipe Narciso | 67 |
| 8. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REALIDADES E OBJEÇÕES
Miriam Ferreira | 93 |
| 9. CONTEXTOS DE APRENDIZAGENS: A IMPORTÂNCIA DA SUA APLICAÇÃO DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL
Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf | 99 |
| 10. A INCLUSÃO, EQUIDADE E A EDUCAÇÃO CAMINHAM JUNTAS
Priscila Paula da Costa da Silva | 109 |
| ★ 11. O COMBATE AO RACISMO NAS UNIDADES EDUCACIONAIS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO: ESTRATÉGIAS E POSSIBILIDADES
Rafael Fernando da Silva Santos Fitipald | 115 |
| 12. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS
Viviane de Cássia Araujo | 127 |

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REALIDADES E OBJEÇÕES

MIRIAM FERREIRA

RESUMO

Este artigo trata do TEA Transtorno do Espectro Autista por uma perspectiva pedagógica, dissertando sobre os principais desafios vivenciados por no processo de ensino-aprendizagem. A escola deve ser um espaço que além de promover aprendizagem e desenvolvimento deve também acolher as diferenças. Para desempenhar o papel de escola, os profissionais da educação devem estar preparados para atuar e intervir nesse processo. As análises elaboradas nesta pesquisa foram decorrentes de estudos bibliográficos e reflexões que retratam o tema. O objetivo principal deste artigo é investigar os aspectos educacionais de crianças com TEA, além de apresentar o papel dos educadores perante aos alunos em sala de aula, além do educador, também ressalta a necessidade de um trabalho em conjunto às famílias.

Palavras-chave: Acesso; Desafios; Ensino-aprendizagem; Educadores; Inclusão.

INTRODUÇÃO

A maior parte dos seres humanos já nasce com um desempenho cerebral que nos possibilita desenvolver aptidões com espontaneidade, aprimorando a desenvoltura na comunicação no decorrer dos anos de forma natural e adaptando ao nosso meio cultural. Assim, este processo de desenvolvimento é crucial para o enquadramento no convívio social.

Desenvolver habilidades comportamentais promove união, permite que os indivíduos possam estabelecer identidade cultural, evolução em contexto educacional e afetividade. Assim, o autismo possui peculiaridades que muitas vezes promovem a ausência destas características.

O autismo é um transtorno de desenvolvimento multidisciplinar caracterizado por causar possíveis danos comportamentais e de interação em um indivíduo. Segundo Kanner (1943), o autismo é um quadro clínico específico de um transtorno infantil, diferente de esquizofrenia.

O estudo a ser apresentado tem como intencionalidade apresentar os principais desafios durante o período educacional presenciados por crianças autistas. Pontuando o autismo em crianças nessa fase, ressaltando temas importantes sobre adaptação, interação e comunicação.

Algumas práticas pedagógicas serão apontadas com o intuito de promover a inclusão desse aluno em um ambiente escolar, demonstrando os possíveis progressos que podem ser alcançados. Deste modo, com o objetivo de analisar a realidade escolar em relação ao desenvolvimento inclusivo de alunos com autismo, reconhecendo os principais desafios e apresentando metodologias.

Como objetivos específicos serão apresentados métodos e estratégias que auxiliam profissionais da educação a intervir nas ações de forma que as crianças possam ser inseridas integralmente no ambiente escolar.

Vale ressaltar que este artigo toma como objetos de pesquisa os jogos dirigidos e os jogos de mediação, por ser uma linguagem universal infantil e uma importante ferramenta de ensino para estimular crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (MATURANA, 2014).

Foi utilizado o estudo bibliográfico e pesquisa científica para aprofundar o conhecimento sobre as dificuldades que transpassam a inclusão do indivíduo autista nas escolas regulares de educação.

Ao finalizar, serão abordados pontos importantes e as considerações finais sobre o tema.

METODOLOGIA

O estudo inclui dados bibliográficos para identificar os desafios enfrentados por crianças com autismo no ambiente escolar, a pesquisa literária é uma etapa básica para o desenvolvimento de todo o conteúdo, desta forma afetará em todas as etapas subsequentes do mesmo. Sobretudo, inclui investigação e seleção de informações relacionadas ao assunto. Os materiais bibliográficos utilizados nesta pesquisa incluem pesquisas específicas nesta área e artigos disponíveis em bancos de dados confiáveis.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um conjunto de sintomas comportamentais que, devido às suas características e a necessidade de intervenções multidisciplinares (AMY), tem despertado o interesse de profissionais de diversas áreas do conhecimento (SCHWARTZMAN; ARAÚJO, 2011).

Historicamente, a evolução do termo Autismo passou por diversas mudanças desde o surgimento de seu conceito, sendo até confundido com outros transtornos. A descrição oficial do autismo em crianças começou em 1943 com um artigo publicado por Leo Kanner, em "The Nervous Child" (DENNELAN, 1985).

No olhar de Gómez Terán (2014, p 447) o conceito Autismo foi designado por Kanner, através da terminologia criada por Eugene Bleuler em meados de 1911. Bleuler empregou o termo "autismo" para transcrever o distanciamento do mundo exterior, assistido em indivíduos adultos diagnosticados com esquizofrenia, que emergiram nas suas próprias fantasias mentais. Já em 1943, o médico Kanner através de estudos com 11 crianças que demonstravam o quadro clínico autístico, publicou o artigo: "Os distúrbios autístico do contato afetivo", todavia, o estudo destas crianças não constata esquizofrenia, pois com os conhecimentos da época era considerado o autismo como indivíduo com alterações psicóticas e esquizofrênicas. Por meio das pesquisas de Kanner foi possível o conhecimento da definição de autismo.

Segundo Orrú (2007), em 1949, Kanner proferiu o quadro clínico do autismo como "Autismo Infantil Precoce", em função das dificuldades interpessoais e atração por determinados objetos e coisas, dificuldades na socialização e comunicação.

A partir de então, o conhecimento sobre o assunto se aprimora, ampliando o âmbito clínico do transtorno. Em 1949 Kanner definiu um novo subtipo de autismo, o “Autismo Secundário”, que segundo o médico psiquiatra surge no segundo ano de vida.

“Nestes casos, as crianças parecem desenvolver-se normalmente durante dezoito a vinte meses, mas logo se retraem, perdem a linguagem, interrompem seu desenvolvimento social e reduzem as atividades normais” (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p.447).

No mesmo ano, o Dr. Hans Asperger, cientista austríaco, descreveu o termo “psicose autista”, definindo desta forma às crianças com comportamentos equivalentes ao autismo.

Já em meados de 1954 o médico Kanner, afirmou que o autismo infantil era uma espécie de psicose e assim seguiu suas definições até o fim de suas pesquisas. Ao diagnosticar retardo mental em alguns indivíduos o mesmo concluiu que pode variar de pessoa para pessoa, porém naquela época considerava-se que o retardo mental era um dos sintomas do autismo, no entanto considera-se que tal pensamento não poderia ser conclusivo.

Atualmente o TEA é considerado um transtorno que afeta o desenvolvimento de causas neurobiológicas. O autismo apresenta um conjunto de comportamentos atípicos, com características peculiares e que podem se manifestar de maneira qualitativa e quantitativa. Por ser um transtorno multidisciplinar, é complexo e abrangente, porém as características mais inquestionáveis estão relacionadas nas áreas de interação interpessoal, comunicação e comportamento (SCHWARTZMAN e ARAÚJO 2011).

O transtorno é quatro vezes mais comum entre meninos do que meninas, segundo estudo publicado na revista científica “American Journal of Human Genetics”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) possui uma estimativa de que há 70 milhões de pessoas com autismo em todo o mundo, sendo 2 milhões de autistas no Brasil. Vale ressaltar que, no Brasil a coleta de dados para o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em relação às pessoas com autismo foi decretada recentemente (Lei 13.861/19).

Entretanto, apesar das pesquisas, existe uma grande necessidade de dar continuidade nos estudos e informações sobre o tema para que seja possível chegar a dados estatísticos mais precisos no Brasil. O transtorno não se relaciona a questões raciais, étnicas ou sociais, e até o momento não demonstrou nenhuma etiologia psicológica. Na generalidade, os sintomas são causados por distúrbios físicos do cérebro, podendo ser identificados por meio de uma anamnese com o indivíduo.

O TEA pode ser apresentado em algumas crianças de forma mais grave, onde a mesma pode apresentar comportamento agressivo, resistência a cumprimento de regras e até mesmo autoagressão. Por outro lado, existem crianças que manifestam altos níveis de habilidades intelectuais relacionados à matemática, dons músicas, memorização, pinturas, entre outros.

Portanto, o autismo não é mais considerado como doença mental ou esquizofrenia, como definido no passado. Ao utilizar o termo “doença mental” demanda que primeira etapa de tratamento é psiquiátrica, e o desenvolvimento educacional nesse caso, secundário. Assim, ao denominar o autismo como uma desordem do desenvolvimento, a educação é vista como

principal prioridade para o tratamento, obtendo tratamento psiquiátrico apenas em casos específicos (PEETERS, 1998).

INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA

A interação social de crianças com autismo em alguns casos pode ser muito severa, o que também implica nas emoções das mesmas. Por sua falta de sensibilidade aflorada, além da falta de habilidades para estabelecer conexões sociais e emocionais podendo ser incapazes de demonstrar respostas empáticas, (Kanner, 1943).

Acredita-se que, crianças com autismo se relacionam com as pessoas como se fossem um objeto ou coisa, sendo evidente que existe uma falha na interação, e em muitos casos não prestam atenção à existência de outras pessoas no mesmo ambiente (CAMPOS, 2008). É difícil para as crianças com autismo desviar a atenção de outra pessoa para um objeto ou evento, por exemplo. Crianças autistas apresentam desvios nos aspectos simbólicos e rotineiros da comunicação e também têm obstáculos na aquisição de gestos e linguagens.

Entre crianças autistas a interação social é significativamente prejudicada e insuficiente pelos seguintes motivos: problemas sensoriais, atrasos de linguagem, dificuldades no uso de formas de comunicação, e na percepção de sensações, gestos e rostos. Portanto, a mediação precoce deve ser ofertada à criança o quanto antes. Estas crianças devem sempre participar de atividades sociais e recreativas para serem inseridas em ambientes que possam ter contato com outras crianças.

Ao se tratar de autismo não verbal, é aquele que não consegue desenvolver a linguagem nas suas interações, em outras palavras, não apresentam a linguagem propriamente falada, o que não quer dizer que a criança não possa se comunicar, pois, ela desenvolve uma comunicação física à sua maneira.

A FAMÍLIA NO CENÁRIO ESCOLAR

Em um processo de inclusão escolar consciencioso não ocorre apenas no contexto escolar, a família da criança tem papel fundamental em conjunto aos educadores e equipe de apoio da unidade. É compreensível que as famílias se sintam fragilizadas e padecem ao receber a notícia do transtorno, sobretudo durante as fases do desenvolvimento escolar.

Em meio às dúvidas e questionamentos, a forma como a família se posicionará diante à condição da criança é fator determinante para o desenvolvimento. Existem casos que os responsáveis não depositam a confiança de que seu filho possa aprimorar as potencialidades e deixam de promover os ensinamentos que auxiliam na independência, ou até mesmo promovem o isolamento total da criança em relação ao mundo exterior não fazendo valer do direito da criança à educação básica.

Por conta da falta de demonstração de afetividade e comunicação concreta em alguns casos, a família tende a apresentar maior dificuldade para lidar com a criança de forma concreta. Muitas crianças autistas possuem dificuldades categóricas para compreender os sentimentos demonstrando indiferença, mas na realidade tal comportamento parece ser consequências de inabilidade cognitiva (PEETERS, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo sobre TEA foi possível um entendimento aprofundando desde sua definição clínica até as características comportamentais indivíduo, dado que, é um transtorno engloba diversos sentidos em todos os âmbitos sociais, sobretudo no desenvolvimento escolar.

Alunos com TEA passam por diversas adversidades durante o período inclusivo no ambiente escolar, assim, para que o processo de inclusão seja tangível é indispensável uma equipe com preparações formalizadas e específicas. Sem o preparo de profissionais da educação especializados em educação especial, dificilmente essas crianças se integram com qualidade no ambiente escolar.

Por lei, crianças com Transtornos do Espectro Autista devem ser inseridas no ensino regular juntamente com outras crianças (ECA – Lei 8.069/90), a fim de desenvolver o convívio social e cognitivo, sem distinção, incluindo a gratuidade do ensino em escolas públicas e apoio às famílias carente.

As potencialidades do aluno com TEA deve ser o foco central durante o desenvolvimento, favorecendo a independência e autonomia. Por vezes, podem ocorrer destaques em dificuldades do indivíduo e suas fragilidades em sua rotina escolar, impossibilitando que haja êxito durante o processo, portanto, o educador deve observar cada conquista por menor que seja para que haja o estímulo.

Com base nas pesquisas aqui observadas, o processo inclusivo deve ser aplicado nas escolas com atendimento educacional especializado, ou seja, toda a equipe escolar deve estar preparada para que o processo ocorra da melhor forma. Por mais que os educadores já possuam especialização no ramo pedagógico, a escola deve proporcionar formações contínuas sobre o tema, visando o progresso em suas práticas educacionais.

A parceria entre a família e a escola é outro ponto que deve ser ressaltado, pois mediante a participação ativa de ambas as partes o desenvolvimento do aluno autista torna-se mais eficaz. Priorizar a comunicação junto à escola contribui para que o corpo docente possa desenvolver propostas específicas e voltadas às necessidades individualizadas da criança, bem como, promover o entendimento de suas características expressivas dentro de suas particularidades. Neste contexto de individualidades, o autismo pode apresentar diversas circunstâncias em diferentes indivíduos, ou seja, uma criança autista pode apresentar facilidades em um aspecto específico que outras crianças com o mesmo transtorno não apresentam, por este motivo comunicar a escola sobre as características da criança torna-se essencial no processo inclusivo.

Para que a inclusão não seja algo inacessível, é preciso que a escola, a família e equipe de apoio escolar estejam atentos às situações rotineiras vividas por autistas. Não basta se denominar como uma escola inclusiva, se na prática não ofertam os recursos básicos necessários para o desempenho destas crianças.

O autismo é um transtorno que engloba questões multidisciplinares, sendo necessário um processo contínuo. Logo, todos os pontos positivos e negativos devem ser registrados e compartilhados entre todos os envolvidos no desempenho educacional para que possam surgir melhorias em suas funcionalidades e novas estratégias para o desenvolvimento do

processo inclusivo. Sendo que, os pontos positivos são a confirmação de que o processo está no caminho certo. Já em relação aos pontos negativos devem ser aprimorados com outras estratégias e metodologias na tentativa de promover avanços nas práticas educacionais. Esses dados não são realizados a fim de desmotivar ou desencorajar o processo inclusivo, e sim é necessário para que a escola possa oferecer um melhor acolhimento tanto para as crianças quanto para as famílias, contribuindo efetivamente para que a inclusão seja cada vez mais eficiente e naturalizada dentro das escolas, pois infelizmente a inclusão escolar ainda é um grande desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORRÚ, S.E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1990. 3. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2012.

<https://www.pcdfacil.com.br/2019/07/18/dados-sobre-o-autismo-farao-parte-do-censo-de-2020/> (acesso em: 03/07/2021)

<https://institutoneurosaber.com.br/atividades-sensoriais-para-criancas-com-autismo/> (acesso em: 03/07/2021)

Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas**. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. Cultural, S.A, 2014.

SCHWARTZMAN, J.S. **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon, 2003.

ACOSTA, Victor M.; MORENO, Ana; RAMOS, Victoria; QUINTANA, Adelia; ESPINO, Olga. **Avaliação da linguagem: teoria e prática do processo de avaliação do comportamento infantil**. São Paulo: Editora Santos. 2003.

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5**. 5. ed. São Paulo: Editora Artmed. 2014.

<https://institutoneurosaber.com.br/verdades-e-mitos-sobre-o-autismo/>(acesso em:03/07/2021)

Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: . (Acesso em: 03/07/2021)

CAVACO, N. **Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

GAUDERER, C.E. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: uma atualização para os atuam na área; do especialista aos pais**. Brasília: Corde, 1993.

OLIVEIRA, J.B. **Freud e Piaget: afetividade e inteligência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SANTOS, J. I. F. **Educação especial: inclusão escolar da criança**. São Paulo: All Print, 2010.

MATTOS, Jaci Carnicelli. **Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem**. *Rev. psicopedagogia*. [online]. 2019, vol.36, n.109 [citado 2021-06-28], pp. 87-95 .

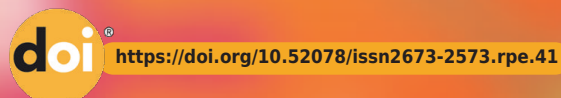
Miriam Ferreira - Pedagoga formada pela Faculdade Sumaré. Licenciatura em Arte Visual pelo Centro Universitário de Jales, UNIJALES. Pós-graduação Lato Sensu em Ensino das Artes Visuais pela Faculdade Paulista São José. Pós- graduação Formação em Educação a Distância Universidade Paulista, UNIP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Andréa Godoy Miyashiro
Anildo Joaquim Da Silva
Célia Maria Batista
Diego Daniel Duarte dos Santos
Herbert Madeira Mendes
Joseneide dos Santos Gomes
Luís Filipe Narciso
Miriam Ferreira
Nayane Brito Veras Godinho Hermisdorf
Priscila Paula da Costa da Silva
Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi
Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

